

Painel de Conjuntura Macroeconômica

junho 2017

Semana 3

▪ Confiança

Será que está se rompendo o cordão umbilical?

▪ PIB

Como prometido: delações presentes nos números.

▪ Preços e Juros

A inflação é esmagada pelo baixo nível de demanda e pela oferta de alimentos.

SELIC: 8,50% ops! 2018 8,00%.

▪ Balança Comercial e Câmbio

Os sete primeiros dias do mês de junho sinalizam para um novo superávit na Balança Comercial.

▪ Mercado de Trabalho

PNAD aponta taxa de desemprego de 13,6%.

▪ Tecnologia

Siemens anuncia MindSphere no Brasil.

▪ Opinião

Previsibilidade para avançar.

Estimativas para encerramento do ano - Brasil

Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2017	2018
PIB (% do crescimento)	0,41	2,30
Produção Industrial (% do crescimento)	0,94	2,50
Inflação - IPCA (%)	3,71	4,37
SELIC	8,50	8,50
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	51,50	55,20
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,30	3,40
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	57,70	43,06
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	80,00	78,75

Fonte: BCB

Agenda da Semana

- 12-06 Relatório Focus (BCB)
- 12-06 Balança Comercial (MDIC)
- 13-06 Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE)
- 14-06 IGP-10 (FGV)
- 16-06 IBC-Br (Índice de Atividade Econômica do Banco Central)

Confiança na economia

Será que está se rompendo o cordão umbilical?

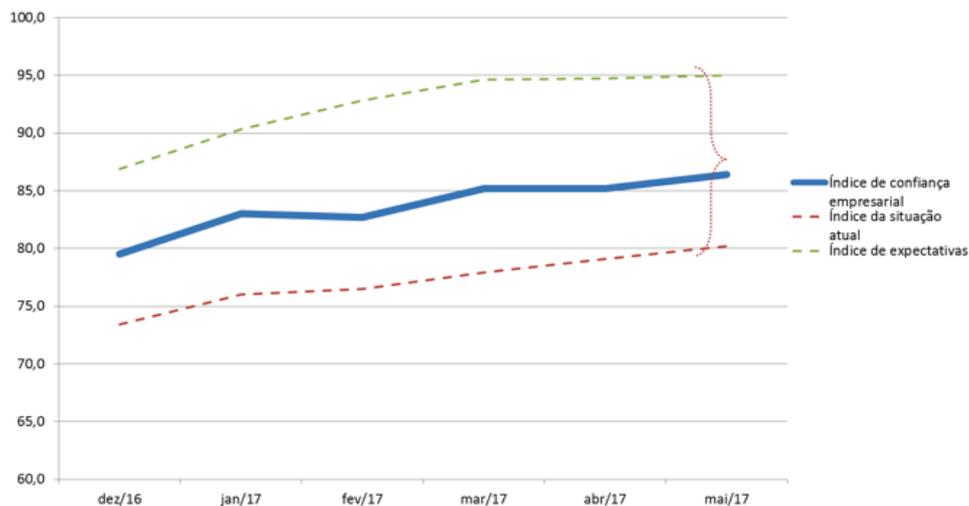
Nas últimas edições deste boletim, conscienciosamente falamos na falta de confiança na economia. Essa incerteza gera insegurança nos agentes econômicos quanto ao futuro da economia brasileira. Ou seja, os empreendedores, empresários e especialistas em economia têm pouca certeza sobre o retorno dos investimentos empresariais. Isso também quer dizer que não haverá dinheiro para o consumo em curto prazo (seja em forma de crédito ao consumidor ou advindo de poupança própria). A palavra de ordem é cautela. E o motivo para tal cautela é a incapacidade dos governos (em todos os níveis) para implantar reformas importantes para a economia do país. No nível federal, as reformas trabalhista e previdenciária são o tema do momento. Tão logo aprovadas essas duas, teremos a reforma política na pauta, que nos parece estratégica em função da situação atual.

Mas, a economia, como todo o fenômeno social,

“sofre” e adapta-se, conforme a confluência de seu tempo. Com o desenrolar das crises políticas, observamos que a economia vem sofrendo cada vez menos com os fatos políticos negativos. Parece que ela está aprendendo a sobreviver ou a conviver com tal situação. Será que teremos o descolamento total? Não acreditamos na total separação, mas parece que, ao longo do tempo, os efeitos são menores (ou já não os notamos mais como antes).

E prova disso são os índices de confiança na economia, expressados pelos vários segmentos empresariais. Nesta semana, escolhemos o Índice de Confiança Empresarial (ICE), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que consolida os índices de confiança dos quatro macro setores cobertos pelas sondagens empresariais produzidas pelo FGV/IBRE: Indústria, Serviços, Comércio e Construção. Veja o gráfico a seguir (dados dessazonalizados).

ÍNDICE DE CONFIANÇA EMPRESARIAL - ICE-IBRE/FGV
(dez/16 a mai/17, em pontos)



Fonte: FGV/IBRE

Em maio/2017, o índice apresentou crescimento de 1,2 pontos em relação ao mês anterior, sendo que havia ficado estável de março/17 para abril/17. A maior contribuição para a alta da confiança em maio foi dada pelo Índice de Situação Atual (ISA-E), com alta de 1,1 ponto, de 79,1 para 80,2 pontos. Já o índice de Expectativas (IE-E) subiu 0,3 ponto, alcançando 95,0 pontos, vindo de 94,7 pontos.

Em 2016 e 2017 o Brasil passou (e ainda vai passar) por diversos escândalos políticos que abalaram sobremaneira a crença na capacidade do governo (principalmente o federal). Os mais recentes foram a Operação Carne Fraca, as delações de executivos da Odebrecht, do Grupo

J&S e de outras empresas que negociavam com o governo e com empresas controladas pelo governo e trocavam contratos e favores por polpudas propinas. E mesmo assim, o gráfico aponta ainda para cima. Será um fenômeno novo? É prudente afirmar que está ocorrendo o “descolamento” da economia e da política?

É temerário afirmar de pronto, mas parece que é isso que está ocorrendo. E é um bom sinal. Exploraremos mais o porquê da positividade na próxima edição do boletim. Mas não nos animemos, pois os números dos índices ainda são frágeis e estão no campo da falta de confiança ou recém adentraram na zona de confiança. Ainda é cedo para comemorar!

PIB 2017

Como prometido, delações presentes nos números.

Conforme anunciamos na última edição deste painel, o Relatório Focus do Banco Central do Brasil (BCB), de 09/06/2017, foi contaminado com as perspectivas ruins trazidas por mais

escândalos políticos. O comportamento das projeções do PIB e da Produção Industrial mostram os seguintes números:

INDICADOR	2017		2018	
	Há 4 semanas	Em 09/06/17	Há 4 semanas	Em 09/06/17
PIB	0,50%	0,41%	2,50%	2,30%
PRODUÇÃO INDUSTRIAL	1,25%	0,94%	2,50%	2,50%

Apesar de constatarmos que a falta de confiança está em decréscimo, está claro que ela ainda tem efeitos sobre a opinião dos especialistas. Continuemos firmes e austeros em nossas

empresas, para bem da manutenção da capacidade de investimento e até mesmo da sobrevivência, pois as projeções não são animadoras.

Inflação

A inflação é esmagada pelo baixo nível de demanda e pela oferta de alimentos.

O cenário político tem sacudido o mercado, mas seus reflexos não tem provocado grandes alterações nas projeções. No último relatório Focus divulgado pelo Banco Central do Brasil (BCB), as estimativas dos economistas do mercado financeiro voltaram a reduzir suas projeções para o IPCA de 2017, onde a mediana saiu de 3,90% para 3,71%, enquanto para 2018 a

projeção saiu de 4,40% para 4,37%. A mediana das Top 5 para o médio prazo, que é a estimativa elaborada pelas instituições que mais se aproximam do resultado efetivo do IPCA no médio prazo, também teve sua expectativa reduzida tanto para 2017, de 3,64% para 3,28%, como também para 2018, que saiu de 4,25% para 4,20%.

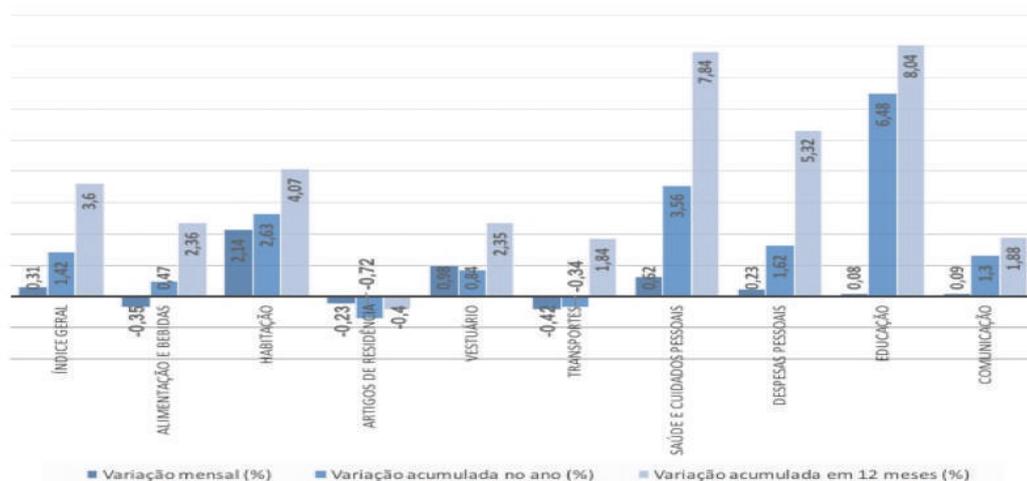
	2017				2018			
	Há 4 semana	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal	Há 4 semana	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal
Mediana	3,93	3,9	3,71	↓(2)	4,36	4,4	4,37	↓(1)
Top 5	3,89	3,64	3,28	↓(3)	4,25	4,25	4,2	↓(1)

Fonte: BCB

Na semana que passou, o IBGE divulgou os índices oficiais de inflação para o mês de maio. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA do mês de maio apresentou variação de 0,31% e mais do que dobrou quando comparado ao índice de 0,14% de abril. Apesar da alta de um mês para o outro (com o IPCA de maio em 0,28%), desde 2007 não havia registro de taxa mais baixa para o mês. Com isto, o resultado do ano foi para 1,42%, o menor para o período desde o ano 2000, quando ficou em 1,41%.

Responsável pela significativa parcela de 3,3% da despesa das famílias, a energia elétrica foi responsável por essa alta do mês de maio, pois não houve o desconto que incidiu no mês de abril por decisão da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) de modo a compensar os consumidores pela cobrança indevida, em 2016, do chamado Encargo de Energia de Reserva (EER). E foi a energia a responsável pela elevação no grupo de habitação.

Composição do IPCA



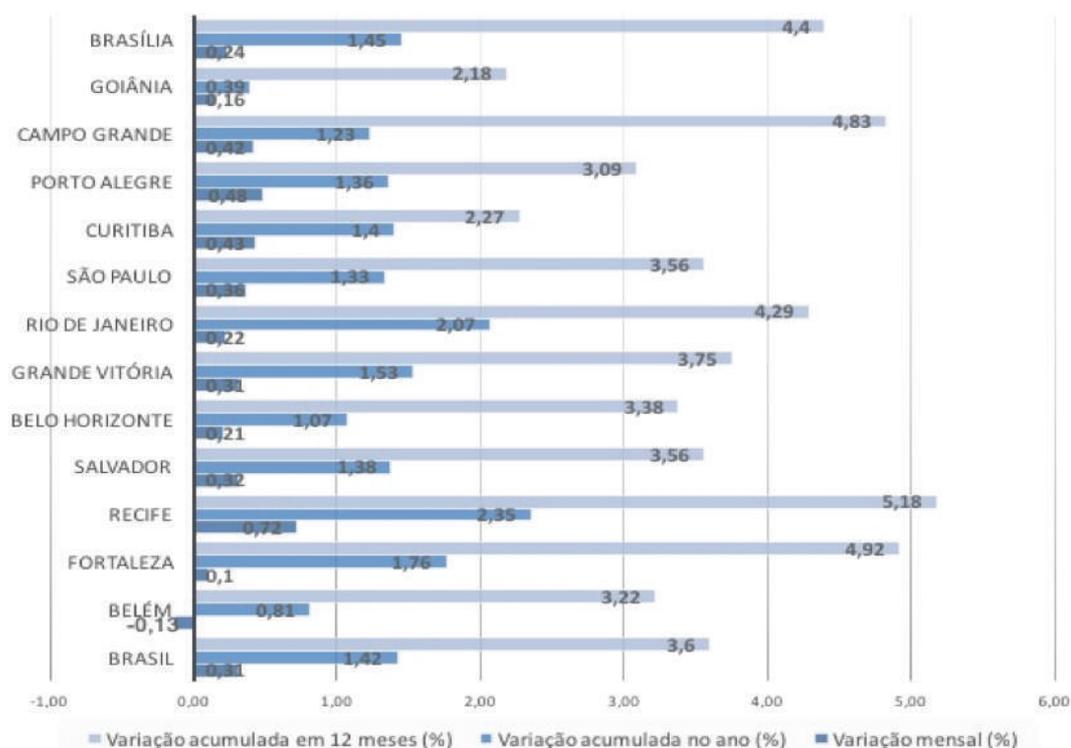
Fonte: IPCA IBGE

Ainda há que considerar que a região de Curitiba exerceu influência no índice de habitação, onde as contas de taxa de água e esgoto aumentaram 5,29% no mês, refletindo parte do reajuste de 8,53% em vigor a partir do dia 18 de maio. Aliado a isso, ainda houve a revisão na metodologia de

cobrança por faixa de consumo.

No grupo Alimentação e Bebidas, que responde por 1/ das despesas das famílias, a queda de 0,35% foi puxada pelos alimentos para consumo em casa (-0,56%), enquanto a alimentação fora ficou em 0,06%.

IPCA - Regiões Metropolitanas

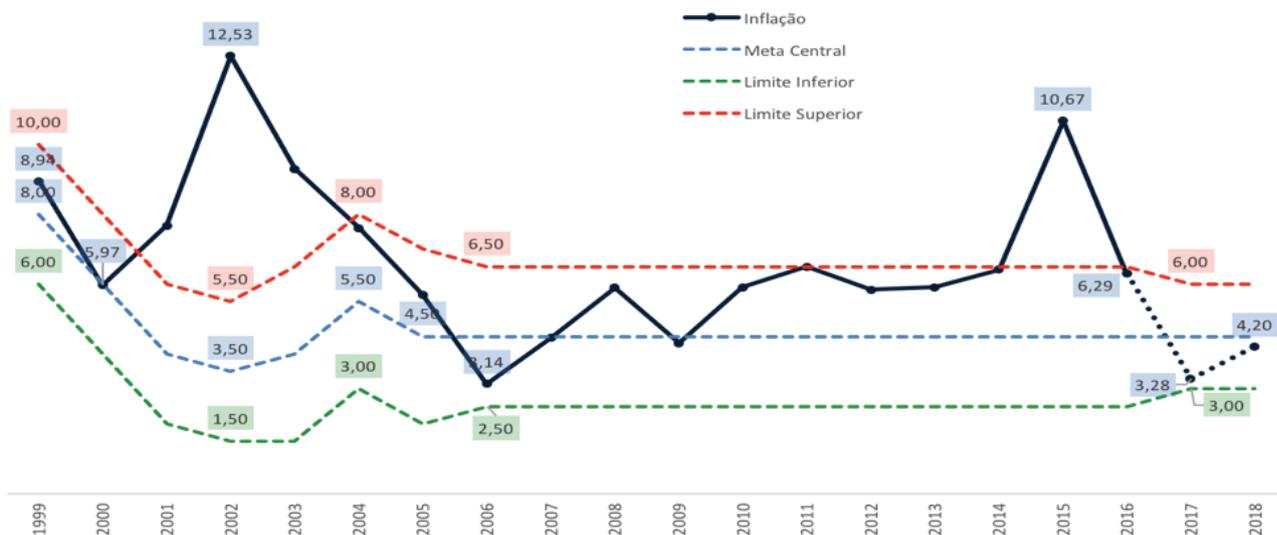


Fonte: IPCA IBGE

A inflação vem sendo esmagada pelo baixo nível de demanda de consumo, e pela oferta de alimentos, com eventuais repiques por efeitos sazonais. No entanto, o fundamento da inflação está no chão. Com isso, a inflação de 2017 já flerta com o limite inferior das bandas da meta estabelecida pelo BCB próxima dos 3%. Os juros

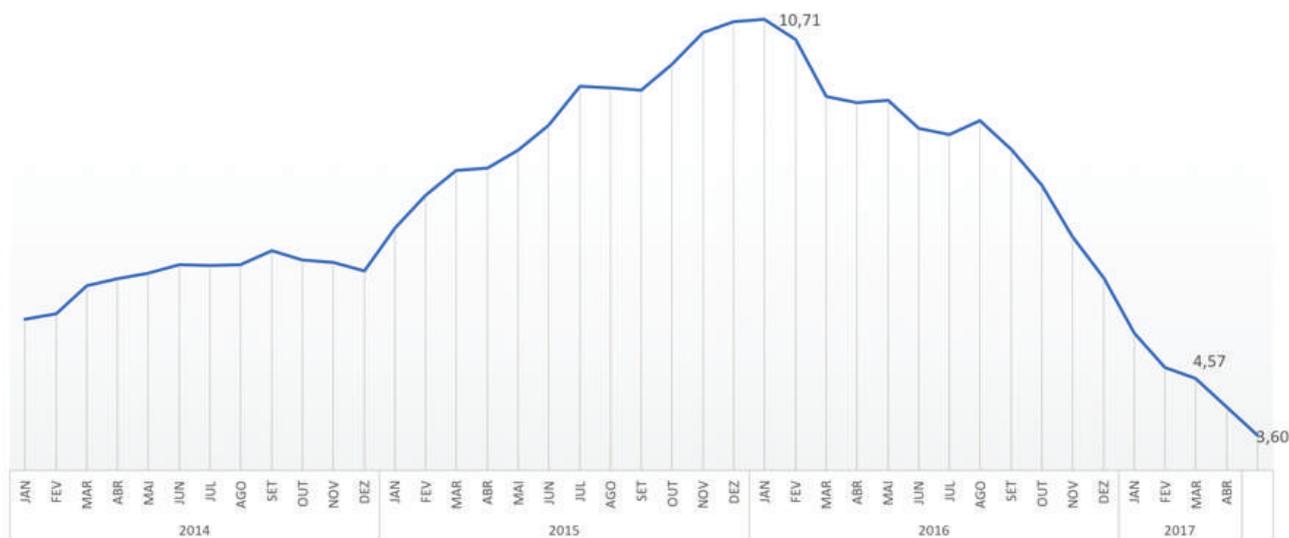
cairão, não por decisão do Comitê de Política Econômica Nacional, o COPOM, mas pelas próprias forças dos fatos econômicos. Pela falta de reformas estruturais, a política monetária é uma das poucas ferramentas de rápida decisão que pode fazer melhorar nosso ambiente de negócios.

Acompanhamento da Meta IPCA



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Índices de Preços, Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor.

Inflação acumulados em 12 meses



FONTE: Dados IBGE, BCB.

SELIC: 8,50% ops! 2018 8,00%.

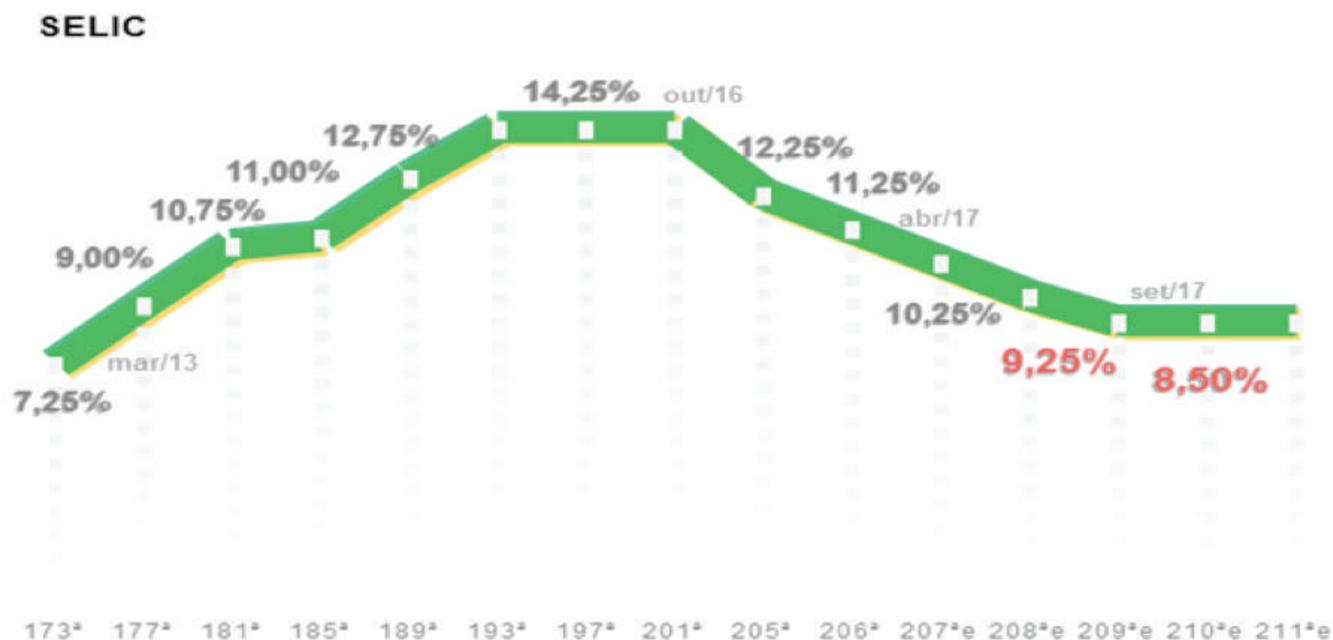
O Relatório Focus do BCB dessa semana traz novamente a expectativa de 8,50% para a SELIC no fim de 2017, conforme a mediana – agregado. A mediana das TOP 5, no médio prazo, arisca 8,00% para 2018.

Em 10/06/2016, esperávamos 5,91% de inflação para os próximos 12 meses, e por prudência e constância, o COPOM aguardava para ajustar a SELIC. O IBGE, em 09/06/2017, divulgou o IPCA acumulado nos últimos 12 meses em 3,60%. Uns dias antes o COPOM reduzia a taxa básica e anunciava a redução do ritmo de corte, avisando que chegaremos lentamente em 8,50% ao fim de 2017.

Os clássicos receitariam o estímulo ao consumo

como remédio, reduzindo taxas de juros. A exemplo dos Estados Unidos na história econômica recente, a sequele provocada pela privação prolongada causada pelo desemprego, redução na renda e a incerteza quanto ao futuro, atrelado ao timing equivocado da redução das taxas básicas de juros e outras medidas de estímulo intempestivas, tudo isto parece ter anulado o poder clássico de estimular o consumo no curto prazo e o investimento no longo prazo.

E se alguém um dia escreveu que “deflação é inimiga do crescimento” poderia aguardar, observar e obter prova olhando para nosso PIB esperado já bem próximo de 0 (zero), sem remédio ministrado em tempo.



Fonte: BCB/ISAE

BALANÇA COMERCIAL: os sete primeiros dias do mês de junho sinalizam para um novo superávit na Balança Comercial.

Segundo os dados recentes do MDIC – Ministério do Desenvolvimento Indústria, Comércio e Serviços, o mês de junho apresentou um superávit na Balança Comercial de US\$ 2,224 bilhões nos primeiros sete dias úteis do mês. Com saldo de exportações em US\$ 6,411 bilhões, registrando um aumento de 20,4% em relação a junho de 2016, e importações com saldo de US\$ 4,187 bilhões, representando aumento de 3,1% em relação ao mesmo período de 2016, o resultado superavitário atingiu a cifra de US\$ 2,224 bilhões. Na linha das exportações houve um aumento nas vendas de todas as categorias, produtos básicos 17,3%, semimanufaturados 37,7% e os manufaturados que aumentaram 16,8%. Na conta de importações, aumentaram as compras de produtos intermediários como combustíveis e lubrificantes em 66,9%, adubos em 50% e bebidas e álcool em 178,1%.

CÂMBIO

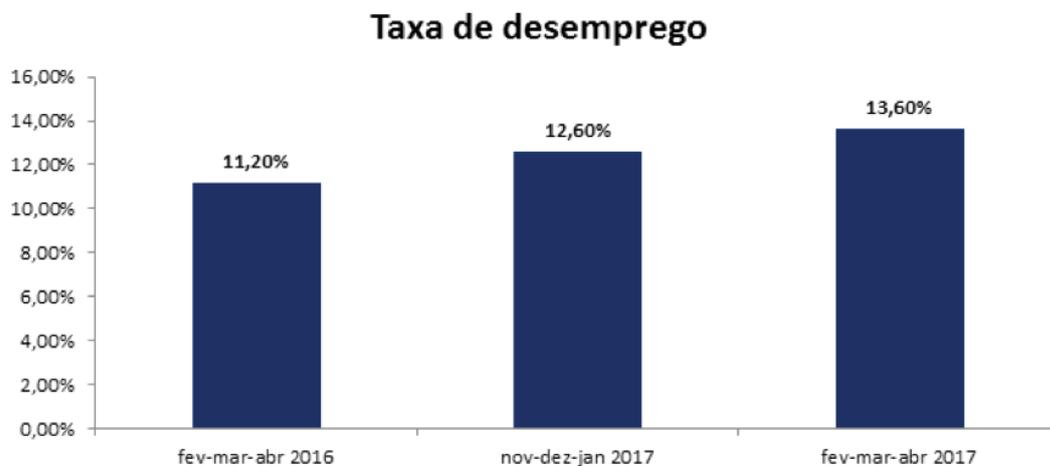
A moeda americana encerrou o primeiro dia da semana cotado a R\$/US\$ 3,312. Foi uma nova alta na esteira do movimento de encerramento da última sexta-feira, 09/06/17, contrariando a leitura de muitos analistas que previam que uma absolvição da chapa Dilma/Temer traria sinais positivos da possibilidade de aprovação das reformas. Mais um ledo engano.

Passado mais este capítulo da série histórica da impunidade brasileira, fato este que não surpreende mais o investidor, os players se posicionaram defensivamente no mercado de dólares frente à suposta desesperada ação do Presidente Michel Temer em atacar quem o expõe aos seus próprios atos. A suspeita de espionagem ao ministro Edson Fachin ordenada pelo presidente, valendo-se da máquina pública, fez com que o mercado aumentasse sua aversão ao risco. A falta de equilíbrio e harmonia entre os três poderes traz ao mercado o temor da falta de governabilidade do país seja qual for o governo. A semana deve acompanhar o desenrolar de mais este fato político mantendo a cotação para cima.

Mercado de Trabalho

PNAD aponta taxa de desemprego de 13,6%.

A taxa de desemprego no trimestre (fev-mar-abr/17) fechou em 13,6 %, de acordo com a PNAD divulgada pelo IBGE no último dia 31/05. Quando comparada ao trimestre anterior (nov-dez/16 e jan/17), verificou-se que houve um crescimento de 1,0 p.p. na taxa de desemprego, o que representa um acréscimo de 1,1 milhão de pessoas que não conseguem encontrar trabalho, conforme demonstrado no gráfico a seguir:

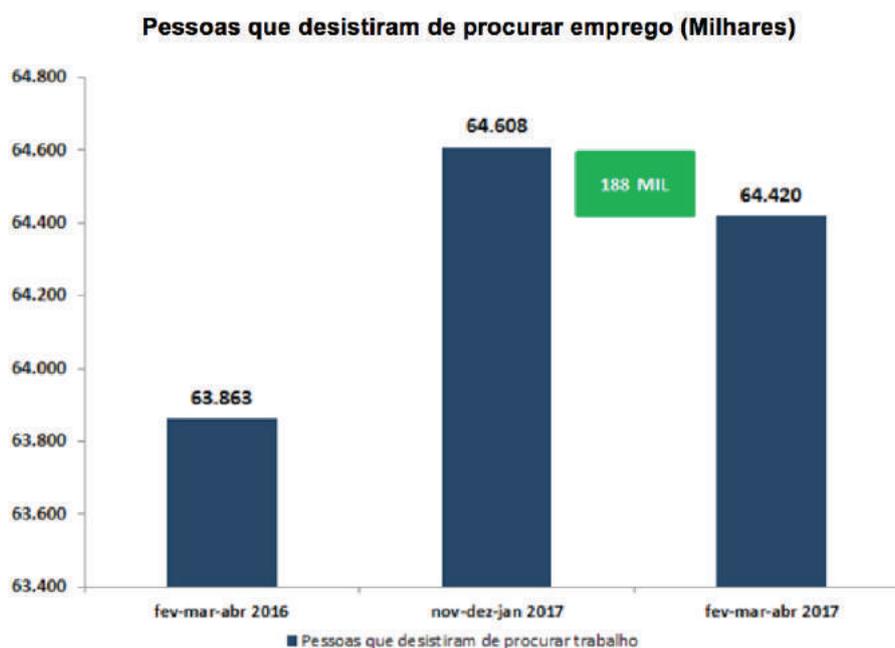


Fonte: IBGE

Tal crescimento constata que mesmo com indicadores econômicos apontando uma melhora para a economia nacional, a deterioração do mercado de trabalho ainda perdurará, influenciado pelo momento de instabilidade política do país, bem como pela retomada tímida da confiança dos agentes econômicos.

Vale lembrar que o índice é calculado a partir e pessoas que procuraram emprego nos últimos 30 dias e não o encontraram. É possível observar que este movimento está começando a ocorrer, pois o número de pessoas que havia desistido de procurar ocupação diminuiu no trimestre (fev-mar-abr/17) em 188 mil quando comparado ao trimestre anterior (nov-dez/16 e jan/17), conforme destacado no gráfico.

No último trimestre de 2017, o índice tende a se estabilizar e poderá melhorar se de fato houver retomada do crescimento econômico e estabilização política no país. A recuperação do nível de emprego será lenta, pois mesmo havendo a geração de novos postos de trabalho, as pessoas que desistiram de buscar trabalho devem voltar a procurá-lo, engrossando a estatística dos desempregados.



Fonte: Pnad IBGE

Tecnologia: Siemens anuncia MindSphere no Brasil.

Em 1º de Junho, no Palácio Tangará, em São Paulo, o jornal Estadão e a empresa Siemens promoveram o fórum “Fazendo o Brasil avançar com engenhosidade”, com o objetivo de discutir temas como a matriz energética e o futuro da infraestrutura brasileira. Um dos destaques do fórum foi o lançamento do produto MindSphere no Brasil, um sistema operacional aberto para Internet das Coisas (IoT) baseado em nuvem que permite conectar máquinas e infraestruturas físicas ao mundo digital.

Com o MindSphere, a Siemens está fornecendo um sistema operacional aberto, baseado em nuvem, para a IoT. Nessa plataforma como um serviço (PaaS), aplicativos e serviços digitais podem ser desenvolvidos, operados e fornecidos”, afirma Renato Buselli,

vice-presidente sênior da Divisão Digital Factory da Siemens. (Fonte: <http://sie.ag/2sIVTff>).

Vamos traduzir esta soma de buzzwords... PaaS, IaaS e SaaS são a transformação de CAPEX em OPEX para Plataforma, Infraestrutura e Serviços, respectivamente. Ao invés das empresas adquirirem softwares, servidores e barreiras de segurança contratam uma Plataforma como serviço; ao invés de construir datacenters, antigos CPDs (Centro de Processamento de dados), contratam Infraestrutura como serviço; e ao invés de comprar o Office, pagam mensalmente pela utilização do Office 365. E é claro, tudo está na nuvem, ou melhor, estas três modalidades de serviço são nuvens, bem como seu webmail ou Facebook - serviços prestados on-line.



PaaS, SaaS e IaaS (Fonte: <https://azure.microsoft.com>)

Em setembro de 2016 o BNDES e o MCTIC (Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação) definiram um consórcio entre a consultoria McKinsey e CPqD para desenvolvimento do plano de IoT brasileiro que terá validade de 2017 a 2022, com ações de médio e curto prazo. De acordo com a consultoria Frost & Sullivan, em 2016, este mercado representou \$1.35 bilhões de dólares e deve chegar a \$3.29 bilhões em 2021 (Fonte: <http://bit.ly/2sVLxJg>). Perante tantas oportunidades a SIEMENS bem como suas concorrentes GE PREDIX e SAP Leonardo,

lutam para se posicionar como plataformas de inovação onde IoT é apenas a porta de entrada para análises preditivas e sistemas ciber-físicos, que serão temas para futuros boletins.

Referências

Página WEB SIEMENS Mindsphere -

www.siemens.com.br/mindsphere

Consultoria IoT CPqD -

<https://www.cpqd.com.br/solucoes/consultoria-iot/>

Consórcio McKinsey e CPqD - <http://bit.ly/2sVx2VO>

OPINIÃO: previsibilidade para avançar.

Em entrevista recente, ao professor Marcelo Ramalho, da Fundação Getulio Vargas, o Dr. Ozires Silva, fundador da Embraer, do alto de seus 86 anos, afirmou que crescimento sustentável precisa de previsibilidade. Brincou inclusive, pedindo para o seu entrevistador imaginar se fosse estabelecida uma medida provisória que decretar que hoje não haveria noite, que bagunça seria!

A previsibilidade é um dos maiores anseios dos investidores. Não por acaso, verifica-se que há crédito de longo prazo disponível, como por exemplo o setor imobiliário, contudo as pessoas têm receio de contrair dívidas em um cenário carregado de turbulências.

Enquanto isso, nosso País se depara com questões que não podem mais esperar, como o ínfimo, que é o nosso saneamento. Este que tem apenas 43% do esgoto tratado. Em missão recente na cidade de Manaus, chegou ao nosso conhecimento que menos de 15% do esgoto é tratado, sendo jogado nos rios que cortam a cidade e finalizam no Rio Negro. Em época de cheia o Rio Negro vira um balneário, que os manauaras chamam de praia. Na época de seca é impraticável o banho, por conta dos dejetos que vêm dos esgotos de Manaus.

Como se não bastasse, ainda temos o alarmante número de 58.000 homicídios por ano,

lembrando que esse foi o número de norte-americanos que morreram em nove anos de guerrilhas nas selvas vietnamitas. O “país pacífico” também gera um estupro (que vem à tona) a quatro horas.

É fato que o impeachment, há um ano, parece ter sido providencial para a retomada da economia, que segue em rumo diferente dos desatinos propostos no governo da presidente Dilma Rousseff, mas é preciso avançar. Para isso, voltamos a parafrasear Dr. Ozires Silva, que diz que o Brasil precisa de um fanatismo pela educação. Quem sabe assim, possamos sonhar com um futuro melhor.

Sobre a previsibilidade, clamada pelo nosso engenheiro aeronáutico empreendedor, uma boa dose de governança viria bem a calhar. Conforme elaborado pela OCDE - Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico, composto pelas 30 economias mais importantes no mundo, a Governança harmoniza interesses, especifica a distribuição dos direitos e responsabilidades, além de definir as regras e procedimentos para a tomada de decisão e as bases através dos quais os objetivos são estabelecidos, definindo os meios para se alcançar tais objetivos e os instrumentos para acompanhar o desempenho.

Painel de Conjuntura Macroeconômica

Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO Strategic, programa do ISAE em parceria com o IBEF (Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças), que capacita o profissional de finanças com foco nas pessoas que impulsionam as ações e potencializam os resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

André Alves

Adriano Bazzo

Christian A. Geronasso

Christian Bundt

Luciano De Zotti

Jefferson Marcondes

Patrick Silva

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fabio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande



ISAE

Escola de Negócios